

## **Importância da afetividade no acolhimento das crianças: um olhar especial pós- pandemia**

Importancia de la afectividad en la acogida de los niños: una mirada especial pospandemia

Importance of affectivity in welcoming children: a special post-pandemic look

Tuvichamba'e mitãnguéra oñemoguahẽ hekòpe  
mba'asypàvê rire jesarekòpe

**Alessandra Amaral Ferreira, Andreza Regina Nave Benetti,  
Mirella Teresinha Corrêa de Abreu y Marcelo Queiroz Schmidt**

*Universidad Tecnológica Intercontinental*

### ***Nota de los autores***

*Facultad de Ciencias de la Educación, Posgrado  
alessandraamaralf@hotmail.com*

### **Resumo**

O texto a seguir, resultado de um estudo bibliográfico, propõe uma reflexão a respeito da valorização das relações afetivas como estratégia facilitadora no acolhimento de crianças da Educação Infantil e alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no retorno das aulas presenciais, durante o período pós-pandemia. O contexto de isolamento social, como reflexo das ações de controle da pandemia de Covid 19, tem gerado um cenário de ansiedade e temor por parte das crianças e a escola precisa estar preparada para conduzir o processo de adaptação de forma segura e tranquila. O artigo oferece aspectos reflexivos sobre as principais inquietações que farão parte desse novo cenário, em que medida a afetividade pode contribuir com o acolhimento das crianças e sugere ações e posturas que profissionais de educação devem apresentar para facilitar esse processo.

**Palavras-chave:** afetividade, acolhimento, pós-pandemia, postura profissional.

### Resumen

El texto a seguir, resultado de un estudio bibliográfico, propone una reflexión a respecto de la valoración de las relaciones afectivas como estrategia facilitadora en la acogida de niños de la enseñanza infantil y alumnos de los Años Iniciales de la Enseñanza Fundamental en el regreso de las clases presenciales, durante el periodo pos pandemia. El contexto de aislamiento social, como reflejo de las acciones de control de la Pandemia de Covid 19, hay generado un ambiente de ansiedad y temor por parte de los niños y mientras eso la necesidad de la escuela estar preparada para conducir el proceso de adaptación de forma a garantizar la seguridad en un espacio tranquilo. El artículo ofrece aspectos reflexivos a respecto de las principales inquietudes que formarán parte de este nuevo ambiente y en qué medida la afectividad puede garantizar la mejor acogida de niños y sugiere acciones y actitudes que profesionales de educación deben presentar para facilitar ese proceso.

**Palabras clave:** afectividad, acogida, pospandemia, actitud profesional.

### Abstract

The following text, result of a bibliographic study, proposes a reflection to enrich affective relationships as a facilitating strategy in reception of children from early childhood education and students from the initial years of Elementary School in the return of classroom classes, during the period post-pandemic. The context of social isolation, as a reflection of the actions to control the Covid 19 pandemic, has generated a scenario of anxiety and fear on the part of children and the school needs to be prepared to conduct the adaptation process in a safe and peaceful way. The article offers reflection about the main concerns that will be part of this new scenario, to what extent affectivity can contribute to the reception of children and suggests actions and postures that education professionals should may be present to facilitate this process.

**Keywords:** affectivity, reception, post-pandemic, professional attitude.

### Mombykypyre

Taipy jaipyhývo ha'e tembiapo. Arandukàgui guare ñanembohesareko pe jajoguerekòre mborayhùpe péva rupi ndahasýi mitã jeapyhy mbo'erã ha umi imitaitévape avei ko jejujevýpe mbo'ehaòpe oñeihàpe jepinte oñotire mbo'ehàra ha temimbo'ekuéra mba'asy puku rire pe ogahàrupi jepyta ñañepysyròhàvo mba'asy ñarõgui hérava COVID-19 Péva ogueru angata ha kyhyje ojepokòiva'ekue mitanguérare nosëkatuvéigui ha avei ohecha terã ohendùgui pe mba'asy mba'éichapa, oporoity ha oporojuka upévo ojehecha tekotevê

Importância da afetividade no acolhimento das crianças ...

➤ 287

mbo'ehaòre oīva oikohağua jepokuaàpe mboguata ikatuhağuaicha tekombò'ereko pyahu ojepyso kyhyje'ÿre py'atarova'ÿre tembiapo oikòva mbo'ehaòpere mbo'ehàra ha temimbo'ekuérandive oikova'erã py'aguapýpe peicharamomante oñeikuave'èta mba'etee temimbo'ére. Pe jepokuaa rupímante ikatu jajuhu ñemiandu'u hekokatùva pe tembiapo oñemboheko pyahùvare ha moõ pevépa ohupýty iporãhàicha tekoayhupo mitã nangarekorã avei ojepotakatu jejapo ha ñemo'ireko mba'apohàre tekombò'epe mbo'ehara ohechauka va'erã ombohasy'ÿha jereroguata.

***Mba'e mba'e rehepa oñeñe'è:*** Katupy moğuahē, mba'asypavē rire mba'apohàratee.

Fecha de recepción: 30/11/21

Fecha de aprobación: 30/11/2021

### Introdução

O presente artigo abaliza reflexões a respeito de um dos maiores desafios educacionais no período pós-pandemia: o processo de acolhimento após um longo período de distanciamento social.

Considerando que cada família e/ou pessoa viveu o período de isolamento de maneira própria, adaptando às suas condições, não há como mensurar a extensão das dificuldades emocionais e psicológicas a que todos foram submetidos e quais as expectativas e ansiedades para o retorno presencial das aulas, principalmente quando nos referimos às crianças.

Por outro lado, os professores também viveram experiências semelhantes, mantendo as mesmas expectativas, mas conscientes de que, na posição de facilitadores no processo de aprendizagem, precisam contribuir com o acolhimento dessas crianças no retorno presencial.

O estudo delimita-se ao contexto da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, pois leva em consideração que o impacto das relações afetivas é extremamente significativo para o desenvolvimento integral da criança de zero a dez anos.

Neste sentido, a construção de relações afetivas voltadas para o acolhimento pode servir como instrumento facilitador, suavizando os impactos nesse novo cenário de relacionamentos e contatos pessoais.

A análise se fundamenta em um levantamento de dados, por meio de fontes como: dissertações, artigos e bibliografias que embasaram a fundamentação teórica deste trabalho e chama a atenção aos conceitos de afetividade e acolhimento. Finalmente o documento apresenta posturas e direciona ações práticas que podem ser desenvolvidas a fim de contribuir com a ação docente nesse cenário de retorno presencial.

Como eixo central desse estudo, o documento pretende responder ao seguinte questionamento: de que maneira as construções afetivas podem facilitar o processo de acolhimento no retorno das atividades escolares presenciais no período pós-pandemia?

Este trabalho é resultado de um estudo baseado em uma pesquisa bibliográfica descritiva com enfoque qualitativo. Para a sustentação teórica da pesquisa optou-se pelo fundamento teórico de Henri Wallon. A escolha justifica-se pelo fato de que sua concepção psicogenética dialética do desenvolvimento apresenta significativa contribuição para a compreensão do humano como pessoa integral, cujo resultado de suas obras servem de antecedentes teóricos e levantam importantes reflexões sobre o tema.

Wallon defende que as relações de afetividade estão presentes em todos os momentos e estágios do ser humano. Segundo ele, o meio permite a aproximação ou o afastamento, sensações agradáveis ou desagradáveis, o que justifica a influência de seu trabalho nessa reflexão sobre o período pós-pandemia no ambiente escolar, em espera-se que as crianças sejam afetadas positivamente, provocando sensações de acolhimento em detrimento a rejeição.

O documento pretende apontar as principais dificuldades, no âmbito da psicologia escolar, que as crianças podem apresentar no retorno das atividades presenciais, descrever os conceitos de afetividade e acolhimento a partir dos estudos wallonianos e sugerir posturas que a comunidade escolar pode adotar a fim de facilitar o processo de acolhimento pós-pandemia.

### **Método**

A discussão a seguir pretende apontar reflexões a respeito do cenário pós-pandêmico e de que maneira poderá impactar o espaço escolar. Sugere uma postura de acolhimento apoiada nas contribuições wallonianas e indica ações facilitadoras durante o processo de retorno às atividades educacionais.

Todo o cenário de crise é marcado por instabilidade. A instabilidade causada pelo surto da Covid 19, desestabilizou lares e se estendeu a todos os ambientes sociais e de trabalho.

A COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Alguns pacientes podem apresentar dores, congestão nasal, dor de cabeça, conjuntivite, dor de garganta, diarreia, perda de paladar ou olfato, erupção cutânea na pele ou descoloração dos dedos das mãos ou dos pés. Esses sintomas geralmente são leves e começam gradualmente. Algumas pessoas são infectadas, mas apresentam apenas sintomas muito leves.

A maioria das pessoas (cerca de 80%) se recupera da doença sem precisar de tratamento hospitalar. Uma em cada seis pessoas infectadas por COVID-19 fica gravemente doente e desenvolve dificuldade de respirar. As pessoas idosas e as que têm outras condições de saúde como pressão alta, problemas cardíacos e do pulmão, diabetes ou câncer, têm maior risco de ficarem gravemente doentes. No entanto, qualquer pessoa pode pegar a COVID-19 e ficar gravemente doente. (OPAS, 2020, p. 03)

O retorno exige cautela e cuidados ainda não vividos pela geração atual. Nesse cenário a escola é um ambiente fundamental para que a rotina volte à normalidade, mas é preciso estar preparada para as condições que pode enfrentar.

Nem todo o processo de isolamento aconteceu de maneira tranquila e saudável. A realidade vivida pelas crianças que tiveram que interromper o acesso à escola é caracterizada pelas diferenças sociais. Enquanto para algumas delas o isolamento trouxe apenas distanciamento social, para outras, esse período foi marcado por dificuldades de interação, negligência e violência familiar.

Nos casos de crianças em estado de vulnerabilidade social, o afastamento da escola gera consequências desastrosas para o desenvolvimento físico, social e emocional. Além disso, temos um contexto pós-pandemia, que gera uma série de desajustes e ansiedades psicológicas, que tendem a ser expressados pela criança no ambiente escolar.

Há carência de estudos nessa área, no entanto as poucas publicações sobre o tema, sugerem um estado de atenção quanto ao retorno das atividades presenciais. Brooks (2020), compilou alguns estudos realizados após epidemias vividas nesse século como a da SARS, do vírus Ebola e da gripe H1N1. Como conclusão desse estudo, constatou que existiu uma maior incidência de respostas emocionais negativas em pessoas que foram expostas ao período de quarentena.

Entre essas respostas, ficaram evidentes a presença de sentimentos de medo, culpa, raiva, mau-humor, tristeza, irritabilidade, ansiedade e insônia. Afinal o confinamento exigiu uma mudança repentina na rotina e na vida das crianças, como consequência, podemos esperar manifestações de tédio, revolta e ansiedade.

A nível nacional, a visibilidade do tema e a urgência na tomada de decisões gerou uma série de documentos emitidos pelo Ministério da Saúde, entre eles o encarte de “*Saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*” (2020). O documento dispõe sobre os possíveis impactos psicológicos na população durante a pandemia, entre outros pontos, destaca a possibilidade do surgimento de sintomas como:

- Sensação de inevitabilidade com alto grau de tensão na população;
- Supervalorização ou subvalorização (negação) da possível epidemia;
- Ansiedade, tensão, insegurança e vigilância obsessiva dos sintomas da doença;
- Estado de letargia ou agitação desordenada;
- Condutas extremas e supervalorizadas que podem oscilar entre: heroicas ou mesquinhas; violentas ou passivas; solidárias ou egoístas;
- Crises emocionais e de pânico, reações coletivas de agitação, descompensação de transtornos psíquicos preexistentes, transtornos psicossomáticos;
- Aumento da violência doméstica e tentativas de suicídio;

- Estigmatização de pessoas suspeitas e confirmadas para COVID-19, entre outros.

A reação das crianças está estreitamente relacionada à como a família reage às consequências da epidemia e a escola surge nesse cenário como um suporte extremamente necessário para a saúde mental e social, por isso precisa estar consciente e preparada para contribuir com o processo de retorno.

Entendemos que as relações afetivas podem ser um instrumento facilitador dessa reconstrução coletiva e que o acolhimento é um diferencial para potencializar as ações de retorno de forma menos traumática possível.

Diante dos impactos causados pela pandemia provocada pelo Covid-19 e as possíveis dificuldades encontradas no retorno às aulas presenciais, nos mobilizamos a refletir sobre a importância da afetividade no acolhimento das crianças pelo professor no retorno às aulas. Para compreender as dimensões afetivas, assim como, o acolhimento na educação, evocamos alguns conceitos da teoria de Henri Wallon.

Wallon nasceu em 1879 na França, em 1902 formou-se em Filosofia. Movido pelas reflexões médico-filosófico da psicologia e pelo seu interesse em aprofundar no conhecimento biológico do homem, cursou medicina. Atuando como médico e psiquiatra despontou seu interesse pela psicologia da criança, entre os anos de 1908 a 1931 empenhou-se ao trabalho com crianças especiais. Durante sua experiência clínica desenvolveu sua teoria psicológica, a partir de conhecimentos sobre neurologia e psicopatologia.

O desenvolvimento humano e a construção do conhecimento na teoria Walloniana, acontecem através da integração de três dimensões: a motora, a afetiva e a cognitiva. Nessa concepção é considerada a relação existente entre o indivíduo e o meio social em que vive, sendo assim, a criança é reconhecida como constituinte do seu meio sociocultural. Sobre a afetividade, Wallon expressa sua importância para o desenvolvimento humano, afirma que essa se faz presente em todos os estágios. “Os domínios funcionais entre os quais se dividirão o estudo das etapas que a criança percorre serão, portanto, os da afetividade, do ato motor, do conhecimento e da pessoa. (Wallon, 1995, p. 131 e 135)”.

É contra a natureza tratar a criança fragmentariamente. Em cada idade, ela constitui um conjunto indissociável e original. Na sucessão de suas idades, ela é um único e mesmo ser em curso de metamorfoses. Feita de contrastes e de conflitos, a sua unidade será por isso ainda mais suscetível de desenvolvimento e de novidade. (WALLON, 2007, p. 198)

Em sua teoria Wallon confere à criança um ser completo, rejeita a ideia de projeção um “vir a ser” ou “adulto miniatura”, deixa claro que é contra a fragmentação. Ele atribui à criança um estatuto de pessoa que deve ser

compreendida nos estágios evolutivos no qual se encontra. Essa posição walloniana nos leva a refletir sobre as práticas e teorias em educação, assumindo uma base teórica metodológica que respeita a criança como sujeito de direitos em sua integralidade.

Sobre os estágios evolutivos, Wallon dividiu em cinco etapas: impulsivo-emocional, sensório-motor e projetivo, personalismo, categorial, e puberdade e adolescência. Afirma que durante essas etapas a afetividade e o cognitivo se alternam, mas deixa claro que essas alternâncias não significam que na preponderância de uma, a outra função se ausenta. Ao contrário, cognição e afetividade são integradas, se correlacionam.

Apesar de alternarem a dominância, afetividade e cognição, não se mantêm como funções exteriores uma à outra. Cada uma, ao reaparecer como atividade predominante num dado estágio, incorpora as conquistas realizadas pela outra, no estágio anterior, construindo-se reciprocamente, num permanente processo de integração e diferenciação. (Galvão, 1995, pp. 31-32)

Wallon compreende que toda pessoa é afetada por elementos externos e elementos internos, isso acontece durante toda vida. Os elementos externos são reconhecidos como um objeto que nos desperta a atenção, ou o olhar do outro para nós, uma informação recebida, algo que acontece em nosso meio e que nos afeta.

Em relação aos elementos internos, trata-se da capacidade de reagir diante de algumas sensações como: tristeza, medo, alegria, fome, etc. Esse movimento recebe o nome de afetividade. Diferente do senso comum, dentro dessa perspectiva esse conceito não é sinônimo de cuidado, paixão, carinho e amor, o termo faz referência a condição humana de ser afetada positivamente ou negativamente por elementos internos e externos.

O teórico apresenta a concepção de afetividade numa perspectiva psicogenética expressa por três dimensões: emoção, sentimento e paixão. As três são resultados de fatores sociais e orgânicos, e apresentam aspectos diferentes. A emoção é caracterizada por uma ativação fisiológica, por um tempo relativamente curto. Pode ser entendida como uma forma de externar a afetividade, sendo uma expressão motora. Já o sentimento não apresenta reações instantâneas, são expressões que representam a afetividade, como: observar e pensar antes de agir. Na paixão o que predomina é ativação do autocontrole, é capacidade de dominar algo. O teórico também defende que o processo de evolução está relacionado com a capacidade biológica do sujeito e com o meio, pois esse segundo o afeta. Nessa perspectiva, compreende-se que a criança nasce com condições orgânicas para sua sobrevivência, mas é o ambiente que contribui para o desenvolvimento dessas potencialidades.



Partindo dessas enunciações, refletimos sobre as relações afetivas entre professor-criança nesse novo cenário educacional. Fomos impactados pelas diversas situações provocadas pela pandemia do Covid-19, uma crise de proporção global que gerou mudanças sociais, culturais e econômicas. Milhares de pessoas afetadas pela incerteza, pela dor, pelo luto, pela tristeza, pelo medo, pelo distanciamento, além de outros elementos. Com isso, alguns aprendizados foram construídos e espera-se que sejam aperfeiçoados no período pós-coronavírus. Professores e crianças estão num processo contínuo de desenvolvimento da capacidade de resiliência, empatia, ressignificação, inovação, adaptação, etc.

A nova escola exige profissionais com práticas mais humanizadas, onde ensinar e aprender acontece simultaneamente. A pandemia deixou em evidência a importância de se trabalhar o desenvolvimento integral das crianças: corpo, mente e emoção. Neste sentido, é papel do professor acolher a criança que está inserida e participando desse momento histórico social. As crianças são, pois, diretamente afetadas pelo meio em que vivem. Para Wallon:

A constituição biológica da criança, ao nascer, não será a única lei de seu destino posterior. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal. Os meios em que vive a criança e aqueles com que ela sonha constituem a "forma" que amolda sua pessoa. Não se trata de uma marca aceita passivamente. (Wallon, 1975, pp. 164-165)

É esperado que o “mundo não volte ao normal” e a educação também não será a mesma. O planejamento curricular deve ser repensado a partir das transformações do momento, tendo como centralidade a criança. Isso implica em observar a realidade de cada sujeito, respeitando suas singularidades, especificidades, potencialidades e limites. As práticas docentes devem se mobilizar para o desenvolvimento sócio emocional do educando, essas áreas quando são bem trabalhadas, favorecem o desenvolvimento cognitivo e o processo ensino aprendizagem, uma vez que estão imbricados.

Possivelmente no retorno às atividades presenciais ainda não poderemos nos abraçar, mas cabe à escola e especificamente ao professor, oferecer o abraço de outra forma, uma vez que essa expressão de acolhimento fazia parte da nossa cultura escolar infantil e estamos num processo de desconstrução e construção. O acolhimento não será pelo toque, mas por meio de ações que fortaleçam o vínculo entre professor-aluno, tais como: o tom de voz que expresse aproximação, o cuidado com a higienização, a organização dos espaços, a forma de conduzir as práticas educativas respeitando os avanços e as dificuldades.

O acolhimento do professor para o aluno, vai além da organização do espaço físico, implica na postura ética do profissional assumindo responsabilmente as necessidades e individualidades da criança, de modo que ela se sinta segura no espaço escolar. Nesse novo cenário esperamos que as crianças sejam afetadas por um acolhimento que provoque respostas positivas, contribuindo para o seu desenvolvimento social, emocional, motor e cognitivo.

O acolhimento é uma relação afetiva positiva que está intimamente ligada às emoções e sentimentos. O acolhimento facilitador é aquele que permite a expressão da criança, favorecendo a comunicação entre seus pares e com outros indivíduos, assim vão se formando sujeitos mais ativos, participativos, críticos e autônomos.

Olhar para a criança dentro da proposta educativa walloniana requer do professor uma compreensão ampla e integrativa do desenvolvimento humano, é preciso que as diversas faces da criança sejam contempladas, levando em consideração as situações de medo, dor, luto, fome, isolamento, entre outras. Tendo em vista as diferenças existentes no âmbito educacional e as transformações socioculturais que estão em evidência na sociedade contemporânea. Nas palavras de Wallon “só podemos entender as atitudes da criança se entendermos a trama do ambiente no qual está inserida”. Uma relação afetiva positiva contribui significativamente para o desenvolvimento infantil.

### **Resultados**

O retorno às aulas antes da pandemia gerava um grande esforço para toda equipe escolar, empenhadas na organização do horário, das turmas e suas salas de aulas, dos espaços de apoio pedagógico, da biblioteca e cantina, além de falas de acolhimento para receber os alunos novos, veteranos e seus responsáveis.

Com a pós-pandemia esse trabalho de organização irá exigir muito mais da equipe escolar e as estratégias precisarão ser intensificadas. Não podemos manter as mesmas preocupações de antes e entender que todos estão bem e felizes com o retorno, pois a pandemia gerou impacto em toda a comunidade escolar. As escolas deverão compreender os contextos familiares das crianças, priorizando um olhar especial sobre suas condições psicológicas e a partir desse novo olhar, pensar num acolhimento que promova o bem-estar dos educandos.

É importante que toda a comunidade escolar se envolva nesse processo de acolhimento no retorno às aulas. De acordo com Gatti (2020) do ponto de vista psicossociológico, a escola representa para os alunos não só um lugar para estudos, mas um lugar para encontros, um lugar para socializar, cultivar amizades, confrontar-se, construir identidade. A escola, como um coletivo, é o

ambiente que permite às crianças a entrada em um primeiro ensaio de vida pública, de certo tipo de cidadania, fora do círculo familiar. Por essa razão, a comunidade escolar deve adotar posturas para facilitar o processo de acolhimento pós-pandemia, levando em consideração que as crianças são constituintes desse espaço social.

No documento “Contribuições para o retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia Covid-19” (Fiocruz, 2020) são listadas importantes ações da gestão escolar com relação a preparação do espaço físico, são elas:

- organização de fluxos para entrada e saída da escola;
- estrutura física e instalações compatíveis com o distanciamento físico recomendado;
- ventilação adequada e com renovação contínua do fluxo de ar;
- procedimentos para limpeza e desinfecção;
- água, produção de alimentos e gestão de resíduos compatíveis com rotinas recomendadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária;
- Capacidade de inspeção sobre o uso de máscaras adequadas conforme diretrizes do estabelecimento e órgãos governamentais;
- fluxos claros sobre a atuação mediante casos suspeitos ou confirmados de Covid-19 no ambiente escolar;
- rotinas de comunicação bem estabelecidas sobre sinais e sintomas da doença e recomendações de isolamento;
- rotinas de proteção à saúde dos escolares e dos trabalhadores, sobretudo, condutas protetivas à vida de pessoas que possuem condições prévias que podem favorecer o desenvolvimento de formas graves de Covid-19.

Essas são algumas das ações necessárias que não se esgotam por aí.

Essas mudanças não serão fáceis. Espaços e móveis precisarão ser adaptados para crianças mais novas; os alunos do jardim de infância precisarão de fácil acesso a banheiros adequados; e os horários podem precisar ser reprojatados para acomodar provedores de educação especial e professores especializados para que eles possam ter acesso às crianças e salas de aula nos momentos apropriados. (Levison, Cevik, Lipsitch, 2020, p.37)

O Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED), em julho de 2020, lançou diretrizes para protocolo de retorno às aulas presenciais que reúne pontos contemplados nas discussões com os Estados, considerando, entre outros, os documentos de associações médicas e educacionais, Unesco e Unicef. No documento são listados os elementos de protocolo e entre eles está a

preocupação com os procedimentos de acolhimento de estudantes e servidores.

A partir das observações realizadas durante esse período de distanciamento, existe uma previsão das escolas receberem muitos casos de crianças com ansiedade, culpa, raiva, insônia, insegurança, medo e tristeza, seja porque não existem garantias de não sofrer consequências de saúde caso positivo para o COVID-19 ou por serem um vetor de transmissão para a família, visto que muitos tiveram perdas irreparáveis de parentes. Outro aspecto que precisa ser considerado é o fato de que muitas crianças não conseguiram acompanhar o ano letivo de 2020 como previsto no currículo, é provável que crianças da mesma faixa etária estejam em níveis diferentes em relação aos demais que conseguiram acompanhar os conteúdos durante 2020.

O acolhimento deverá estreitar as relações, valorizar o afeto, trabalhar a cooperação e a empatia entre as crianças. Os professores devem estar atentos para identificar crianças que apresentem dificuldades e junto com a escola avaliar as possíveis causas. A escola por sua vez deverá manter uma estrutura para acompanhamento e apoio pedagógico, inclusive apoio psicológico às crianças.

O tempo escolar presencial é um período de crescimento e apropriação do mundo real, e as crianças precisam dessa experiência para aprender comunicação e reciprocidade, fazer amigos e ser capazes de resolver conflitos. A experiência pedagógica enquanto prática social é importante para elas e o contato presencial com a professora e com outras crianças desempenha um papel importante no processo de socialização (Ortega, Rocha, 2020, p. 6)

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os objetivos de aprendizagens e habilidades se voltam para o desenvolvimento das competências socioemocionais que devem estar presentes em todos os momentos no espaço escolar. Reconhecemos a importância de se criar um espaço de aprendizagem onde as crianças serão ouvidas, assim poderão expressar e compartilhar seus sentimentos com relação ao que passaram e ao que estão passando, a partir dessas vivências vão desenvolvendo novas habilidades e competências para atuarem nesse novo e imprevisível ambiente social.

Os protocolos sanitários devem ser claros e objetivos. Não devemos esquecer a importância do preparo emocional, pois todos estarão vivenciando algo desconhecido. A escola deve estar preparada para receber as crianças, com plano de ação, equipamentos, profissionais capacitados, tendo em vista a manutenção da saúde física e psicológica das crianças. Uma escola preparada e consciente do seu papel tende a diminuir a ansiedade da família e das crianças. Nesse contexto, é relevante que a escola articule ações com a rede de saúde, buscando estratégias e ações para apoiar toda comunidade escolar.

Sobre ações para manutenção à saúde, a escola deve estar atenta aos documentos e protocolos expedidos que indicam os cuidados nesse período de volta às aulas presenciais. Nesse artigo citamos o que está previsto pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), a Nota de Alerta COVID-19 e a Volta às Aulas. Ressaltamos a importância dessa nota, que além de destacar os cuidados para prevenção infecciosa, reconhece também a saúde psíquica do indivíduo, alertando sobre o cuidado de não estigmatizar a criança, o que posteriormente pode trazer consequências negativas, como bullying.

É importante que cada escola adote políticas de educação para prevenção de infecções que envolvam alunos, pais, professores e funcionários. Os pais devem ser orientados a não levarem seus filhos à escola ao menor indício de quadro infeccioso, seja febre, manifestações respiratórias, diarreia, entre outras. Deve-se mantê-los afastados enquanto se aguarda a conclusão do diagnóstico, com o cuidado de não se estigmatizar o indivíduo, o que posteriormente pode trazer consequências negativas, como *bullying* entre as crianças. (SBP, 2020, p. 12).

No decorrer desse estudo identificamos a necessidade de um olhar especial para os profissionais da educação, pois muitos professores também sofreram com a pandemia, o que pode ter gerado impactos emocionais na vida desses sujeitos. Salientamos também, que as transformações ocorridas na educação nesse novo mundo, são dignas de estudos e reflexões. Cabe aos profissionais atuantes na escola desenvolverem um olhar sensível e capaz de analisar alterações comportamentais e ressignificar suas práticas acompanhando as mudanças sociais vigentes. O Guia de Recomendações Gerais para a Reabertura das Escolas (PUC, 2020) destaca: “Os professores devem estar atentos às suas próprias emoções. Grupos de apoio entre pares devem ser estimulados, para dialogarem sobre as experiências durante a pandemia, bem como as vividas dentro da escola, como forma positivada do retorno.”.

É o momento conveniente para que a escola receba o apoio dos profissionais da área de psicologia e serviço social, garantido pela lei 13.935/19 (BRASIL, 2019). O trabalho desenvolvido por equipes multiprofissionais leva em consideração os diversos aspectos da formação e desenvolvimento da criança e tende a contribuir com o processo de acolhimento nesse cenário desconhecido.

### **Comentários**

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou a pandemia de Covid 19. Repentinamente, as famílias tiveram que adaptar suas rotinas para atender as regras de distanciamento social, necessárias para o controle da pandemia.

Todo esse processo de adaptação inesperado causou desajuste em uma

significativa parte das famílias que tiveram que se adaptar em meio às suas dificuldades, carências e deficiências. Em meio a este caminho, a escola também precisou se ajustar e deixou de ser um espaço de socialização e expressão de emoções.

O documento apresenta as consequências emocionais desse distanciamento nas crianças em idade escolar, destacando o quanto esse processo pode gerar emoções negativas, ansiedade e prejudicar um retorno saudável às atividades escolares presenciais.

A luz dos estudos de Wallon, são apresentados os conceitos de acolhimento e afetividade como uma importante ferramenta no estreitamento das relações sociais que envolvem o contexto escolar. Esses processos entendidos e aplicados num ambiente seguro podem gerar resultados positivos, facilitando a adaptação à nova forma de se relacionar com o outro, sem prejuízos emocionais.

A escassez de publicações e estudos relacionados ao acolhimento psicológico após eventos de afastamento social foi um limitador no processo de discussão e construção do documento. Um desafio para a comunidade científica será acompanhar e identificar problemas futuros nas crianças como consequência desse momento histórico.

O momento requer cautela, cuidado, estratégias de acolhimento baseadas na afetividade, no respeito às condições emocionais e a ansiedade características do retorno após um longo período de distanciamento.

Finalmente, destaca que as contribuições da Pedagogia aliada aos conhecimentos das Psicologia Escolar continuam fornecendo subsídios para dar suporte à uma prática pedagógica que atende, de fato, aos mais diversos e improváveis desafios da contemporaneidade.

### Referências

- Brasil (2019). *Lei nº 13.936/19, de 11 de dezembro de 2019*. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília.
- Brasil (2018). Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília. [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category\\_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192)
- BRASIL (2020b). Ministério da Saúde. *Saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19: um guia para gestores*. Fiocruz: <http://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%3%a7%3%b5es-para-gestores.pdf>
- Brooks, S. K., Webster, R. K., Smith, L. E., Woodland, L., Wessely, S., Greenberg, N., & Rubin, G. J. (2020). *The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence*. *The Lancet*, 395(10227), 912-920. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30460-8](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30460-8)
- Conselho Federal de Psicologia (2020a). *Resolução do exercício profissional nº4, de 26 de março de 2020*. Disponível em: <<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-4-2020-dispoe-sobre-regulamentacao-de-servicos-psicologicos-prestados-por-meio-de-tecnologia-da-informacao-e-da-comunicacao-durante-a-pandemia-do-covid19?origin=instituicao>>.
- Conselho Nacional de Secretários de Educação (2020). *Diretrizes para o protocolo de retorno às aulas presenciais*. Brasília. Consed.
- Gatti, Bernardete A.(2020) *Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia*. Estud. av. [online]. Vol.34, n.100, pp.29-41. Epub Nov 11, 2020. ISSN 1806-9592
- Guilherme, Anselmo, A. et al. (2020). *Educação básica em tempos de pandemia: guia de recomendações gerais para reabertura das escolas*. Brasília, DF. Universidade Católica de Brasília.
- Gutierrez, Adriana C. (2020). *Contribuições para o retorno às atividades escolares presenciais no contexto da pandemia Covid-19*. Rio de Janeiro-RJ. Editora Fiocruz.
- Levinson M, Cevik M, Lipsitch M(2020). *Reopening primary schools during the pandemic*. *N Engl J Med*. 2020; 383:981–5. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1056/NEJMms2024920>>.
- Wallon, H. (1975). *Psicologia e educação da infância*. Lisboa. Estampa.
- Wallon, H. (1979). *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Petrópolis. Vozes.
- Wallon, H. (1995). *A evolução psicológica da criança*. Lisboa. Edições 70.
- Wallon, H. (2007). *A evolução psicológica da criança*. São Paulo. Martins Fontes.

- 300** < Importância da afetividade no acolhimento das crianças ...
- Wallon, H. (1995) *Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil*. Petrópolis, RJ. Vozes.
- Organização Pan-americana da Saúde (OPAS). *Folha informativa sobre COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>.
- Ortega, Lenise, M.R. Rocha, Vitor, F.(2020b) *O dia depois de amanhã - a Realidade e nas mentes - O que esperar da escola pós-pandemia?* Pedagogia em Ação, Belo Horizonte, v.13, n. 1 Sociedade Brasileira de Pediatria. Nota de Alerta - COVID-19 e a Volta às Aulas. SBP.